

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

NICOLE ALENCAR TÁVORA RIBEIRO

ESTUDO DO INSCONCIENTE NA TIPOLOGIA JUNGUIANA

MACEIÓ

2020

NICOLE ALENCAR TÁVORA RIBEIRO

ESTUDO DO INCONSCIENTE NA TIPOLOGIA JUNGUIANA

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Barros Gewehr

MACEIÓ

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ficha de Avaliação do TCC – Versão Orientador

Discente: **Nicole Alencar Távora Ribeiro**

Matrícula: **15110526**

Título do TCC: **Estudo do inconsciente na tipologia junguiana**

Orientador/Unidade: Rodrigo Barros Gewehr / Instituto de Psicologia

Avaliador/Unidade: **Rodrigo Barros Gewehr / Instituto de Psicologia**

Orientação: É função dos avaliadores uma nota de zero (0) a dez (10.0), considerando os seguintes indicadores e critérios:

Indicadores	Contemplado	Contemplado em Parte	Não contemplado
1- O problema está bem delimitado e existe coerência com os objetivos?	X		
2- O referencial teórico utilizado é atualizado e coerente com o problema proposto?	X		
3 – O método é bem definido e adequado ao problema, com as fases de pesquisa claramente relatadas?	X		
4- Os resultados, discussão e conclusões apresentam coerência entre si e com o problema proposto?	X		
5 - O texto é claro, objetivo e usa linguagem correta?	X		

Recomendações/sugestões do avaliador: Excelente trabalho, que demonstra esmero tanto do ponto de vista conceitual quanto formal. A estudante demonstra grande potencial para pesquisa acadêmica e traz em seu texto questões importantes para a psicologia, e em especial para a psicologia analítica, notadamente levantando o problema da noção de inconsciente na tipologia junguiana, que aliás é uma parte da psicologia de Jung que merece trabalhos mais aprofundados, como este. Outro ponto importante levantado pela estudante é a da dinâmica compensatória, que é elemento central da análise de Jung na tipologia, mas aliando aqui especificamente à dimensão da relação consciente-inconsciente e salientando os efeitos práticos deste dinamismo. O texto precisa passar por pequeninas revisões gramaticais, mas recomendo vivamente sua publicação.

Nota do avaliador: 10,0

Data: 15/12/2020

Assinatura da avaliador:



Rodrigo Barros Gewehr

SIAPE 1505614

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ficha de Avaliação do TCC – Versão Avaliador

Discente: **Nicole Alencar Távora Ribeiro**

Matrícula: **15110526**

Título do TCC: **Estudo do inconsciente na tipologia junguiana**

Orientador/Unidade: Rodrigo Barros Gewehr / Instituto de Psicologia

Avaliador/Unidade: **Profa. Dra. Paula Orchiucci Miura / Instituto de Psicologia**

Orientação: É função dos avaliadores uma nota de zero (0) a dez (10.0), considerando os seguintes indicadores e critérios:

Indicadores	Contemplado	Contemplado em Parte	Não contemplado
1- O problema está bem delimitado e existe coerência com os objetivos?	X		
2- O referencial teórico utilizado é atualizado e coerente com o problema proposto?	X		
3 – O método é bem definido e adequado ao problema, com as fases de pesquisa claramente relatadas?	x x		
4- Os resultados, discussão e conclusões apresentam coerência entre si e com o problema proposto?	x		
5 - O texto é claro, objetivo e usa linguagem correta?	x		

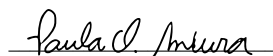
Recomendações/sugestões do avaliador:

Tema com relevância acadêmica e social. Texto bem escrito, estruturado, complexo e profundo. Observa-se o empenho da aluna no desenvolvimento do trabalho. Sugiro que o artigo seja publicado.

Nota da avaliadora: 10,0

Data: 15/12/20

Assinatura da avaliadora:



Paula Orchiucci Miura

SIAPE 2206282

RESUMO

A presente pesquisa buscou revisitar a obra “Tipos Psicológicos” de Carl Gustav Jung com o objetivo de explorar a concepção do campo inconsciente na tipologia junguiana, assim como apontar possíveis reverberações desse campo no funcionamento da estrutura psicológica. A tipologia junguiana apresenta dois tipos psicológicos, extravertido e introvertido, e foi um marco na obra do autor e em sua Psicologia Analítica. Através de uma pesquisa bibliográfica, foi possível analisar e interrogar os diferentes aspectos do funcionamento psíquico que envolvem o campo do inconsciente e a tipologia junguiana, como as especificidades dos tipos, o processo de compensação, o equilíbrio psíquico e a investigação sobre a disposição inicial para cada tipo. Os resultados reforçaram a importância da contínua investigação desse campo, assim como a relevância atual que a tipologia junguiana possui, tanto no campo acadêmico quanto no social.

Palavras-chave: Inconsciente; Tipos Psicológicos; Jung.

ABSTRACT

This research sought to revisit the book “Psychological Types” by Carl Gustav Jung with the objective of exploring the conception of the unconscious field in jungian typology, as well as to pointing out possible reverberations of this field in the functioning of the psychological structure. The jungian typology presents two psychological types, extraverted and introverted, and was a milestone in the author’s work and in his Analytical Psychology. Through a bibliographic search, it was possible to analyze and interrogate the different aspects of psychic functioning that involve the field of the unconscious and the jungian typology, such as the specificities of the types, the compensation process, the psychic balance and the investigation of the initial disposition for each type. The results have reinforced the importance of the continuous investigation of this field, as well as the current relevance that jungian typology has, both in the academic and social fields.

Key-words: Unconscious; Psychological Types; Jung.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	9
3 ANÁLISE.....	11
3.1 O inconsciente na Psicologia Analítica.....	11
3.2 Tipos psicológicos.....	13
3.3 O inconsciente na tipologia.....	17
4 CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS	25

O inconsciente, com efeito, não é isto ou aquilo, mas o desconhecimento do que nos afeta imediatamente (JUNG, 1960/2000, p.11)

1 INTRODUÇÃO

O estudo atual é fruto do projeto de pesquisa desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulado “Os tipos psicológicos na obra de Jung: estudo das atitudes e das funções psíquicas de base”, realizado durante o ciclo dos anos 2018-2019. O objetivo central aqui proposto é desenvolver um estudo sobre as características e reverberações do inconsciente na tipologia junguiana, utilizando para isso o principal referencial teórico sobre o tema, a obra Tipos Psicológicos de Jung (1921/2013), livro também discutido durante a referida pesquisa do PIBIC, porém com um outro enfoque teórico.

A obra foi publicada originalmente em 1921 e é considerada um marco fundamental para a psicologia analítica do autor. Nela, pela primeira vez, Jung (1921/2013) realiza uma sistematização detalhada sobre a sua teoria dos tipos psicológicos, utilizando como referência sua vivência pessoal e profissional por mais de 20 anos. Ele observou que o funcionamento psíquico é predominantemente orientado e determinado ou pelo objeto (algo externo a si) ou pelo subjetivo (interno). A partir disso, ele se propôs a descrever e analisar dois tipos fundamentais: o extravertido, cujo interesse e direcionamento da libido (energia psíquica) flui do sujeito para o objeto, e o introvertido, no qual ocorreria o processo contrário, do objeto para o sujeito, com uma ênfase no mundo interno em detrimento do externo (MAMEDE; VALENTE; SERBENA, 2017).

Apesar das particularidades que cada um desses tipos possui, e das variações e mudanças que ocorrem no decorrer da vida, Jung (1921/2013) constatou que as pessoas sempre tendem a prevalecer em um dos dois tipos, apesar de sofrer interferências do tipo oposto, como veremos mais adiante. Dessa forma, a tipologia influencia diretamente a maneira como o indivíduo compreende a si mesmo, os outros e também o mundo e a realidade que o cerca. Esse funcionamento psíquico predominante descrito pelo autor irá intercalar-se na obra com suas considerações sobre conteúdos de natureza inconsciente e é nesse lugar que a atual pesquisa se afirma, buscando explorar de que maneira o campo do inconsciente se coloca no dinamismo psíquico e suas possíveis reverberações.

Daryl Sharp (1987/2002) irá afirmar que a tipologia de Jung, longe de ser uma forma de classificação das pessoas ou uma análise de seu caráter, trata-se, na verdade, de uma ferramenta de orientação psicológica, utilizada para compreender a nós mesmos e as dificuldades interpessoais que surgem no decorrer da vida. Em vias disso, ela não busca métodos de categorizar as pessoas em grupos pré-definidos, mas sim, apontar para a presença de funcionamentos psíquicos predominantes que podem manifestar-se de diferentes maneiras no decorrer da vida de uma mesma pessoa. A investigação de Jung visou a construção de conhecimentos sobre a psicologia humana geral, atribuindo a devida importância para a psicologia individual durante esse processo, sem suprimir as individualidades rendendo-se a categorizações genéricas (SHARP, 1987/2002).

À primeira vista, pode parecer contrária a tentativa de construção de conhecimentos sobre a psicologia humana geral sem atribuir conceitos genéricos que categorizem todas as psiques, visto que as duas premissas se anulam. No entanto, Jung se propôs a tal ação ao postular a existência de mecanismos psíquicos predominantes na estrutura da psique, que no decorrer da vida de cada indivíduo ocorrem de diferentes formas, assumindo o dinamismo psíquico e sua versatilidade como lei geral de funcionamento.

A tentativa de construção de uma tipologia para categorizar os diferentes tipos de comportamento não foi uma ideia inaugurada por Jung. Sharp (1987/2002) destaca que uma das mais antigas tipologias já existente na história da humanidade foi realizada por astrólogos orientais, que se propuseram a classificar o caráter com base nos quatro elementos da natureza (água, terra, fogo e ar), o que futuramente se tornaria base para a estrutura do horóscopo dos dias atuais. O próprio Jung (1921/2013) também cita diversos exemplos em sua obra, nos mais diversos campos, seja da literatura poética, mitológica, filosófica ou mesmo da psicopatologia, de autores que se propuseram a realizar uma divisão entre dois tipos, guiados por uma tentativa de estabelecer duas naturezas distintas de comportamento. A tipologia junguiana se distinguiu das demais pelo fato de utilizar o direcionamento da energia psíquica como critério para construir uma possível diferenciação entre maneiras distintas de comportamento, que reverberam também na ação da psique: caso orientada predominantemente para fora, extravertido, quando para dentro, com foco nos próprios processos intrapsíquicos e subjetivos, introvertido (SHARP, 1987/2002).

A descrição dos dois tipos trouxe elementos fundamentais que contribuíram para o estudo da psicologia, além de aprofundar-se sobre a exploração do autoconhecimento e das relações humanas (RAMOS, 2005). As reverberações dessa obra podem ser observadas até

hoje, com influências em inúmeras áreas da psicologia (organizacional, clínica, escolar) e tentativas de comprovação da teoria através da criação de instrumentos psicométricos, dentre elas a mais popular, o *The Myers-Briggs Type Indicator - MBTI* (HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ; CHIAPAS; BARRAGÁN, 2017).

Apesar da relevância da obra no campo acadêmico e social, visto que foi a tipologia de Jung que popularizou as expressões introvertido ou extrovertido na linguagem cotidiana (SILVEIRA, 1968), ela constantemente pode ser mal interpretada. Benazzi e Bonfatti (2014) enfatizaram como essa tipologia, ao adentrar o campo das organizações para além da prática clínica, pode estar sendo utilizada de maneira indiscriminada, em proveito dos interesses das próprias organizações invés de priorizar os indivíduos que nela atuam, extrapolando durante o processo os fundamentos e processos teóricos/práticos do autor. Por outro lado, repensar os benefícios dessa teoria no contexto social, seja ele na maneira de relacionar-se com pessoas de outros tipos, na observância dos comportamentos culturais que refletem determinada predominância de um tipo ou até mesmo no reforço pelo autoconhecimento dos próprios processos inconscientes, é algo essencial e de grande relevância nos dias atuais.

Dessa forma, revisitar a obra e explorar os conteúdos nela expressa, mostra-se necessário até mesmo para as suas possíveis aplicabilidades no futuro, seja no contexto clínico, acadêmico, social ou organizacional. O enfoque no campo do inconsciente, cuja é a proposta desse trabalho, também promoverá a ampliação desse tema histórico tão significativo na teoria junguiana e em toda a psicologia. A própria tipologia foi vista por Jung (1921/2013) como uma teoria flexível, passível de ser revista, visto que sua proposta não é ditar verdades e ter a pretensão de ser a única e verdadeira tipologia existente. Muito pelo contrário, ele demonstrou a importância do tema historicamente e em diversos campos de conhecimento, além de ressaltar sua necessária contínua investigação sobre (JUNG, 1921/2013).

2 METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi de cunho teórico e qualitativo, utilizando como principal ferramenta a pesquisa bibliográfica. A principal obra utilizada e que foi foco durante toda a discussão foi “Tipos Psicológicos” de Carl Gustav Jung (1921/2013). Esta referida obra foi escolhida visto que é nela que o autor se propôs a detalhar, apresentar e se aprofundar na sua tipologia psicológica, tendo dedicado o volume inteiro para essa temática.

De acordo com Lima e Mioto (2007), a pesquisa bibliográfica é utilizada em estudos exploratórios ou descritivos, visando a exploração de um objetivo de estudo muitas vezes pouco estudado ou que apresenta dificuldade de construção de hipóteses precisas e operacionalizáveis. Dessa forma, através de fontes bibliográficas, ela possibilita

um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 1994 apud LIMA; MIOTO, 2007, p.40).

Em busca de atender a pergunta de pesquisa “Qual a noção de inconscientes na tipologia junguiana e suas possíveis reverberações?” foi realizada uma investigação da obra *Tipos Psicológicos*, de maneira aprofundada, primeiramente através do recurso da produção de fichamentos de cada capítulo específico. Neles foram selecionados os trechos que mais estavam relacionados ao objetivo da pesquisa, seguidos de reflexões e questionamentos sobre. Esse método foi utilizado visando alcançar a máxima exploração da obra, além de sistematizar o seu conteúdo, de maneira a facilitar o alcance dos seus diferentes tópicos em toda a sua extensão.

Outros documentos também foram utilizados durante a pesquisa, em vista de obter um maior quadro conceitual do tema proposto, além de possibilitar visualizar como a tipologia junguiana vem sendo discutida no cenário acadêmico científico. Para isso, foram realizadas pesquisas na plataforma do *Google Acadêmico* com os termos “tipos psicológicos”, “jung”, “inconsciente” e “tipologia junguiana” (alguns termos separados e outros juntos), sem discriminação acerca da língua ou ano produção. Outro importante auxílio foi o volume *General Index*, disponível nas *Obras Completas de Jung* na versão inglesa, no qual foi utilizado para pesquisar conceitos em outras obras do autor, visto que o volume contém um índice de termos frequentes nas obras de Jung e a sua exata localização nas produções (qual volume foi citado e em qual parágrafo).

Durante o processo da pesquisa, promoveu-se uma leitura objetiva e clara, visando o alcance dos objetivos propostos, porém é necessário enfatizar na pesquisa a não possibilidade de neutralidade total da pesquisadora durante a análise, visto que todo o processo de pesquisa foi cercado por uma leitura pessoal e crítica dos documentos, que carrega em si marcas da trajetória pessoal e acadêmica da autora. Nessa trajetória, antes de adentrar especificamente no campo do inconsciente dentro da tipologia junguiana, iniciou-se a discussão primeiramente através de levantamentos sobre o inconsciente na psicologia analítica do autor, e, logo em seguida, uma discussão acerca da própria tipologia em si, buscando assim esclarecer o quadro conceitual dos diferentes elementos associados ao objeto central da pesquisa.

3 ANÁLISE

3.1 O inconsciente na Psicologia Analítica

Antes de iniciar a discussão central sobre o inconsciente na tipologia junguiana, é importante rever alguns conceitos que Jung já tinha sobre o campo, fruto de seus estudos e de sua trajetória analítica. Busca-se, dessa forma, retomar algumas de suas características já apresentadas pelo autor, de maneira a integrá-las na discussão que segue referente ao seu papel na tipologia e na constituição psíquica.

Em primeiro lugar, Jung (1912/1980) desenvolveu a teoria da existência de duas camadas do inconsciente: o pessoal e o impessoal ou suprapessoal (coletivo). O primeiro deles estaria atrelado às informações de cunho pessoal e individual, referente a trajetória de vida exclusiva daquela pessoa, sejam elas, memórias infantis, lembranças perdidas, repressão de acontecimentos passados e percepções no dia-a-dia que, no geral, não tiveram a força necessária para atingir o limiar da consciência (JUNG, 1912/1980). Nesse cenário, nada do que já foi experimentado deixa de existir na psique depois que já ocorreu. Situações ou informações que já foram conscientes, mas que por diversos motivos, foram deixadas de lado ou esquecidas, ainda se encontram nessa área do inconsciente e conseguem atingir facilmente a consciência quando necessárias (HALL; NORDBY, 1988).

Por outro lado, o inconsciente coletivo abrangeria imagens primordiais, que a via de regra, estão presentes em todas as estruturas psíquicas. São elas as imagens hereditárias, mais antigas e universais da imaginação humana, correspondendo tanto às representações mais belas e grandiosas, como também às piores atrocidades e atos mais diabólicos já cometidos pela humanidade (JUNG, 1912/1980). A capacidade de evocar tais imagens é uma habilidade herdada por toda a humanidade, mas para alcançar isso seria necessário acessar a parte mais profunda do inconsciente, onde encontra-se, de maneira adormecida, esses conteúdos denominados por Jung de arquétipos. De acordo com ele

Essa hereditariedade explica o fenômeno, no fundo surpreendente, de alguns temas e motivos de lendas se repetirem no mundo inteiro e em formas idênticas, além de explicar por que os nossos doentes mentais podem reproduzir exatamente as mesmas imagens e associações que conhecemos dos textos antigos. (JUNG, 1912/1980, p.76)

Dessa maneira, Jung referia-se à existência de outra configuração psíquica, correspondente a uma humanidade “primitiva” de outros tempos, que ainda não havia adquirido a completa distinção entre processos imaginativos conscientes e inconscientes. Naquela época, a barreira que separa os dois campos ainda não estava completamente desenvolvida e por isso os conteúdos eram constantemente misturados. Até mesmo a capacidade sensorial nesse outro tempo era ampliada, de maneira a acreditar que as produções de imagens mentais (mesmo que lembranças) era tão verídicas quanto a realidade concreta ao seu redor (JUNG, 1921/2013). Jung (1921) explica que daí advém a quantidade de crenças antigas em fantasmas e espíritos.

A estrutura psíquica que temos atualmente, bem delimitada entre consciência e inconsciente, capaz de centrar em assuntos de maneira racional e distinguir realidade de pensamentos e imaginação, somente foi desenvolvida após anos de adaptação. Apesar disso, os traços daquele outro tempo deixaram marcas, pois fazem parte da nossa história como humanidade, e por isso é ainda possível encontrar suas evidências a partir do acesso ao inconsciente coletivo (JUNG, 1921/2013).

Para realizar esse processo, é necessário tempo, de maneira a construir uma ponte entre a consciência e o inconsciente. Jung (1912/1980) denominou de “função transcendente” esse movimento, fruto da tensão que existe entre os tipos opostos, que resulta na expressão de imagens (na forma de sonhos, alucinações...) originárias no inconsciente, mas manifestados na consciência. Essa função, que não pode ser confundida com as funções de base da consciência, é a resolução do conflito, o que surge a partir do encontro entre consciência e inconsciente, resultando em algo novo, inesperado e surpreendente. Por isso que muitas vezes essas informações podem soar desconexas, incoerentes ou desprovidas de sentido, pois sua origem não foi fruto de uma reflexão racional e lógica provinda da consciência.

A origem dos conteúdos presentes nesse campo foi uma questão misteriosa que o próprio Jung se deparou. Ele supôs que sua produção estaria associada as experiências constantemente revividas pela humanidade (JUNG, 1912/1980). A repetição dessas imagens, mesmo que não idênticas, mas parecidas, seguidas por reações subjetivas decorrentes delas, é o que aponta seu poder e potencial psíquico. Jung explica que:

Cada vez que um arquétipo aparece em um sonho, na fantasia ou na vida, ele traz consigo uma “influência” específica ou uma força que lhe confere um efeito *numinoso* e fascinante ou que impele à ação (JUNG, 1912/1980, p. 81, grifo do autor).

Dessa forma, o autor deixa claro o poder e o potencial que os conteúdos do inconsciente possuem ao adquirirem força suficiente para transpassar a barreira em direção a consciência. Para além disso, a teoria da psicologia analítica construída por Jung buscou expandir essa concepção da psique, procurando constâncias nas formas de funcionamentos psíquicos de maneira que fosse possível agrupa-las em categorias, e foi durante essa trajetória que surgiu a teoria dos tipos psicológicos.

3.2 Tipos psicológicos

Ao propor a descrição de dois tipos psicológicos, extravertido e introvertido, Jung (1921/2013) buscou explicar de que maneira a função psíquica atua habitualmente, o que não implica afirmar uma simples categorização e determinação dos corpos, embora indique um princípio estrutural, um funcionamento psíquico que tende a operar de forma organizada e, em casos específicos, cristalizar-se em determinadas atitudes. Em sua abordagem, *tipo* pode ser descrito como a predominância de um modelo de atitude psicológica que se manifesta em muitos indivíduos diferentes entre si, não somente uma definição que enclausura o ser em determinados conceitos pré-estabelecidos. Sobre esse assunto, Jung (1921/2013) esclarece que

circunstâncias externas e disposição interna favorecem muitas vezes um dos mecanismos e limitam ou estorvam o outro. Com isso temos, naturalmente, uma predominância de um dos mecanismos. Tornando-se crônica esta situação, surge então um *tipo*, ou seja, uma atitude habitual onde predominará um dos mecanismos, sem contudo poder suprimir totalmente o outro, pois este faz parte necessária da atividade psíquica. [...] Uma atitude típica significa sempre e tão somente a predominância relativa de um dos mecanismos (p. 20).

Apesar da predominância de um dos tipos, o reconhecimento e delimitação sobre qual o tipo predominante em cada psique se mostrou uma difícil tarefa até mesmo para o próprio Jung em suas análises em consultório (JUNG, 1921/2013). Isso ocorre em parte porque não existe manuais ou questionários que possam ser seguidos de maneira a identificar com total fidedignidade qual o tipo de cada indivíduo. Além disso, na tentativa de descobrir qual a tipologia predominante em alguém, o tipo da pessoa que está tentando descobrir tal informação (como um psicólogo, por exemplo) pode influenciar o processo, assim como as circunstâncias externas e situacionais. Pessoas do tipo introvertido, por exemplo, podem facilmente apresentar características do tipo extravertido sob determinados contextos. Jung (1921/2013) desenvolve sobre a predominância por um dos tipos ao afirmar que

Introversão e extroversão como tipos de atitudes significam um preconceito que condiciona todo o processo psíquico, porque estabelecem o modo habitual de reação e, portanto, determinam não apenas o modo de agir, mas também o modo de ser da experiência subjetiva e o modo de ser da compensação pelo inconsciente (p. 539).

Dessa forma, julgar certas atitudes ou opiniões como introvertidas ou extravertidas, não necessariamente implica que o autor dessas sentenças irá ser também caracterizado por aquele mesmo tipo específico, pois fatos isolados são insuficientes para determinar qual o tipo predominante do indivíduo (JUNG, 1921/2013). Essa dificuldade de nomeação surge porque, apesar de um dos tipos sempre prevalecer na atitude psicológica, o tipo complementar está presente e atua em menor escala, quase que de maneira secundária, para contrabalancear e manter o equilíbrio psíquico. Sendo assim, os dois mecanismos, de extroversão e de introversão, coexistem na psique, contudo somente um deles irá predominar em detrimento do outro.

Durante o processo de construção de uma tipificação humana, Jung (1921/2013) demonstra em sua obra como diferentes campos do conhecimento (mitológico, médico, filosófico, poético etc.), mesmo que de maneira não direta e não com os mesmos termos, já abordaram a questão dos tipos psicológicos. É relatado, por exemplo, no campo da filosofia pragmática de William James, a divisão entre dois tipos: *tender-minded* e *tough-minded* (JUNG, 1921/2013). O primeiro é caracterizado como racionalista, otimista, idealista, de espírito suave e delicado, enquanto que o segundo é descrito como empírico, sensual, materialista, pluralista, de espírito inflexível e rude. Apesar de Jung apresentar críticas à essa concepção, como a exagerada unilateralidade e preconceito de James referente aos tipos, já é possível observar traços que assimilam o *tender-minded* ao tipo introvertido e o *tough-minded* ao tipo extravertido.

A tipologia de James também inaugurou a ideia de que o pensar filosófico está diretamente influenciado pelo temperamento correspondente que o filósofo possui (JUNG, 1921/2013). Essa ideia reforça como o estudo do problema dos tipos é fundamental para compreender as produções, posicionamentos e preceitos de diferentes indivíduos, pois são características que estão diretamente associadas ao tipo predominante que nele prevalece. No entanto, atitudes muito distintas podem surgir em um mesmo indivíduo em diferentes momentos, o que dificulta a certeza sobre a tipificação definitiva e de alta confiabilidade sobre qualquer um.

É importante ressaltar que a tipificação em Jung se refere à atividade psíquica do indivíduo e esta, com toda a sua complexidade, não pode ser caracterizada unicamente por um

tipo psicológico ou pelo outro. Ao longo de seu livro ‘Tipos Psicológicos’, Jung (1921/2013) demonstra que a unilateralidade extrema, em ambos os casos, torna-se patológica. Para alcançar o equilíbrio psíquico é necessário que os dois mecanismos estejam presentes, e assim o fazem no ritmo natural da vida, mesmo que em níveis de predominância diferentes.

Dessa maneira, a definição em ‘tipos’ feita por Jung não pretende tipificar em definitivo o ser e limitar suas possibilidades diante de uma determinada definição, mas sim demonstrar modos de operar históricos que ocorrem predominantemente na atividade psicológica (JUNG, 1921/2013). Em busca de aprofundar ainda mais essa discussão, Jung (1921/2013) se debruça sobre as diferenças que distinguem indivíduos de um mesmo grupo, utilizando para isso o conceito das ‘funções’ básicas da consciência.

O agrupamento de vários indivíduos sob um único tipo tornou-se insuficiente para descrever e abarcar as inúmeras diferenças entre eles, ou seja, demonstrou ser um artifício genérico e superficial para descrever a complexidade da psique (JUNG, 1921/2013). Muitos indivíduos que divergiam drasticamente entre si compartilhavam de uma mesma tipificação. Diante desse cenário e buscando compreender melhor o fenômeno, Jung (1921/2013) descreve as quatro funções psíquicas de base: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Elas estão divididas entre ‘racionais’, pensamento e sentimento, e ‘irracionais’, sensação e intuição.

Essa divisão é feita porque a atuação das funções racionais são fruto de uma reflexão consciente sobre determinado objeto, seja um julgamento de valor (se algo é bonito ou feio, positivo ou negativo) ou uma constatação reflexiva sobre algo. Já as funções irracionais, são perceptivas, independem do pensar racional sobre algo. A sensação de um objeto muito quente na palma da mão acontece independentemente da reflexão racional diante de tal ato, por exemplo, assim como o surgimento de uma intuição sobre uma determinada situação, que ao ser originada no campo do inconsciente, simplesmente “surge” na consciência sem que haja uma pensamento lógico por trás disso sobre a sua origem ou finalidade.

A construção da terminologia *função* feita por Jung (1921/2013) corresponde a uma forma psíquica de atividade estável, na qual, no plano energético de direcionamento da libido que ocorre na consciência, tende a manter-se idêntica a si mesma com o passar do tempo. Dentre as quatro funções, uma delas irá se diferenciar e destacar-se na configuração psíquica, enquanto as outras (menos diferenciadas) permanecerão em segundo plano. Nesta configuração da psique

a função mais valorizada está consciente ao máximo e totalmente submetida ao controle da consciência e da intenção consciente, enquanto as funções menos diferenciadas também são menos conscientes e, em parte, até inconscientes e muito menos submetidas ao arbítrio consciente. A função mais

valorizada é sempre expressão da personalidade consciente, de sua intenção, vontade e realizações, ao passo que as funções menos diferenciadas fazem parte das coisas que nos acontecem (JUNG, 1921/2013, p. 354).

A função que se destaca e predomina irá atuar em conjunto com um dos tipos psicológicos e, portanto, criar um tipo diferenciado. As quatro funções de base podem associar-se a qualquer um dos dois tipos fundamentais. Dessa maneira, poderá existir o tipo pensamento extravertido, assim como também o tipo pensamento introvertido, a diferença está na orientação predominante que prevalece na forma do pensar, seja ele direcionado para o objeto ou para o interior do indivíduo. A classificação através da função ajuda a compreender a diversidade de pessoas sob um mesmo tipo e também suas respectivas atividades psicológicas. Assim como ocorre com os tipos, também a classificação sobre qual função exerce a primazia na psique – denominada por Jung (1921/2013) como função diferenciada – não anula a influência e relevância (em menor grau) que as outras funções – menos diferenciadas – também exercem na estrutura psíquica.

A função que mais se fortalece e alcança a primazia na consciência, no entanto, não possui atividade isolada e absoluta no indivíduo. A experiência aponta que ao lado da função mais diferenciada (que se sobressai e predomina na consciência) existe também a função secundária de caráter auxiliar e complementar ao exercício da função principal (JUNG, 1921/2013). Sua natureza é diversa e nunca poderá estar em oposição absoluta à função principal. Ela nunca almeja alcançar a primazia que ocupa a função diferenciada, mas sim, servir a ela, atuando em conjunto de maneira relativamente consciente. Por isso a sua natureza não poderá jamais ser completamente oposta à da função principal, pois nesse cenário a ação de uma não permitiria e anularia a manifestação da outra.

Diante disso, o pensamento nunca poderá ser a função auxiliar do sentimento quando este atua como função principal e vice-versa, assim como a intuição não poderá ser função auxiliar quando a sensação representa a função diferenciada. A natureza oposta dessas funções entre si impede a coexistência harmônica e complementar entre elas na consciência. No entanto, a influência das demais funções (que não alcançaram a primazia e nem a função secundária) ainda ocorre de maneira excepcional e menos frequente através do campo inconsciente.

Dessa forma, as funções racionais, ou seja, sentimento e pensamento, apesar de serem judicativas, pois atuam através do julgamento, não conseguem coexistir e entram em conflito na consciência, pois ambas exercem uma mesma ação (o julgamento), porém direcionadas a campos demasiadamente diferentes entre si. Semelhante processo não ocorre quando funções

irracionais (sensação ou intuição), cujo fundamento é a percepção, atuam como auxiliar de uma função judicativa, pois sua natureza perceptiva não é um empecilho ao exercício do julgamento (JUNG, 1921/2013). Nesse cenário, sempre irá existir uma quarta função, denominada inferior, que estará mais próxima do campo inconsciente e, portanto, mais distante da função superior mais diferenciada, pois é o oposto dela. Assim, caso o sentimento seja a função superior, necessariamente a função inferior desse indivíduo será o pensamento e o mesmo ocorre caso fosse uma função irracional ocupando o local de função superior (a outra função irracional estaria na posição de função inferior). Mais adiante aprofundaremos sobre algumas características da função inferior.

É importante ressaltar que o tipo de atitude descrito por Jung está para além do contexto social ao qual pertence o indivíduo. O ambiente e as relações que nele ocorrem podem influenciar o tipo estabelecido, mas nunca alterar por definitivo a disposição psíquica individual para um determinado tipo. Isso ocorre porque, a depender da época e do lugar, uma sociedade sempre vai possuir valores e regras que delimitam ações como certas e verdadeiras, em detrimento de outras que serão desvalorizadas e invisibilizadas. Jung (1921/2013) utiliza como exemplo a herança cultural do Iluminismo, cuja concepção rendeu ao século XX a valorização e a aceitação predominante do conhecimento empírico, fundado na ideia de teste e comprovação através da observação e manipulação de objetos físicos. Nesse contexto, o pensar extravertido é reforçado e estimulado, enquanto o introvertido, cujo conhecimento é muitas vezes filosófico, de orientação abstrata e subjetiva, é constantemente desvalorizado.

Diante disso, indivíduos introvertidos podem forçar ou simular atitudes extravertidas para se sentirem aceitos e conseguir ter reconhecimento e sucesso econômico. Nesses casos em que uma mudança psíquica é feita devido a influências externas, a tendência é que haja o desenvolvimento de um estado psicopatológico que irá desaparecer somente através do retorno da tipificação inicial naturalmente estabelecida. Mais adiante, aprofundaremos a questão da disposição psíquica inicial abordada por Jung no que se refere a tipologia de cada indivíduo.

3.3 O inconsciente na tipologia

Na obra “A natureza da psique”, Jung (1960/2000) explica como a consciência, por possuir uma ação dirigida, naturalmente está em constante inibição diante de materiais incompatíveis com essa ação. Assim, todo esse conteúdo incompatível permanece no campo do

inconsciente, quando não “acessado” pela consciência. Como visto anteriormente, é nesse campo que se encontra não somente todas as lembranças do passado individual (inconsciente pessoal), como também os conteúdos herdados, que integram toda a natureza do espírito humano (inconsciente coletivo). De uma maneira gráfica, Jung (1912/1980) exemplifica esse dinamismo:

A consciência está em cima, digamos assim, e a sombra embaixo. E como o que está em cima sempre tende para baixo, e o quente para o frio, assim todo o consciente procura, talvez sem perceber, o seu oposto inconsciente, sem o qual está condenado à estagnação, à obstrução ou à petrificação. É no oposto que se ascende a chama da vida (JUNG, 1912/1980, p. 65)

O inconsciente encontra sua importância na psique justamente nessa troca constante que ocorre com o campo da consciência, que se constrói a partir da diferenciação entre os dois campos e possibilita a ação de um sobre o outro. É o que origina a ação dinâmica da psique e que torna possível a própria movimentação da vida. No entanto, o que usualmente se observa é uma tendência natural para a construção de uma condição unilateral de um tipo (diferenciado e mais consciente), visto que tendemos a reforçar o que já somos bons e delegar a outros aquilo que acreditamos não ter capacidade para resolver (VON FRANZ; HILLMAN, 1990). Dessa forma, o próprio ambiente é um reforçador da unilateralidade, ao falar de “aptidões” para determinadas tarefas que devemos seguir para o resto da vida, como ocorre na carreira profissional, por exemplo, sem explorar durante esse caminho outras possibilidades de atuação (VON FRANZ; HILLMAN, 1990).

Dessa forma, o alcance aos demais campos que não correspondem ao predominante e usual se torna um verdadeiro desafio, como ir na direção contrária do funcionamento “padrão” da psique. No entanto, Jung (1921/2013) desenvolve que seguir por esse caminho, caracterizado pela estagnação em um só determinado tipo, é inviável até mesmo para o desenvolvimento e encaminhar da história particular da pessoa. Conteúdos reprimidos, presentes no campo do inconsciente, se tornam igualmente importantes para o desenvolver de uma vida saudável pois é a partir dela que se torna possível a mudança de opiniões, o refazer de atividades de maneiras diferentes, a troca por outros estilos de vidas que antes não eram concebidos.

Dessa forma, a relação dinâmica entre o campo da consciência e do inconsciente é algo constante e necessário para a construção de um possível equilíbrio psíquico. A tipologia junguiana possibilita visualizar bem essa relação através do processo de compensação descrito pelo autor. Para Jung (1921/2013), a atitude exclusivamente unilateral de um tipo provoca um distúrbio na adaptação psicológica e força uma compensação involuntária advinda do

inconsciente. A solução do problema dos tipos, portanto, se dá através do equilíbrio entre o tipo predominante e habitual e o outro secundário, vinculado ao inconsciente.

A relação ocorre de maneira inversamente proporcional, pois quanto mais forte for a tendência para um só tipo e a consequente contenção do seu oposto, maior será a manifestação de conteúdos da inconsciência oriundos desse outro tipo, que surgem em busca de restauração do equilíbrio psíquico. Sob essa perspectiva, não há um tipo que seja melhor ou mais desenvolvido que o outro, pois qualquer que seja a unilateralidade, ela irá manifestar sentimentos de insatisfação e em seguida, a manifestação de atitudes compensatórias oriundas do outro tipo, antes ignorado e com pouco alcance na consciência. Sobre o assunto, Jung (1921/2013) esclarece que

numa atitude unilateral (“típica”) permanece um déficit no trabalho de adaptação psicológica que aumenta com o passar dos anos e que, mais cedo ou mais tarde, evoluirá para um distúrbio na adaptação, forçando o sujeito a uma compensação. A compensação, no entanto, só é conseguida por meio de uma *amputação* (sacrifício) da atitude até então unilateral. Surge, assim, um represamento temporário de energia e um excesso em canais até então não usados conscientemente, mas inconscientemente à disposição (p. 33).

Esse processo demonstra duas concepções centrais e básicas sobre o funcionamento da psique. Primeiramente, que a estrutura psíquica não se resume somente aos conteúdos presentes na consciência, pois para que eles existam é necessário um direcionamento de energia que possibilite sua diferenciação diante dos demais conteúdos “sem energia”, e somente assim alcancem um estado consciente naquele momento. Portanto, o que se observa é uma relação dinâmica entre conteúdos que estão sob a influência de uma energia que circunda a psique. Hall e Nordby (1988) explica que essa energia não pode ser medida através de fórmulas e ela se expressa “sob a forma de forças reais ou de forças potenciais, as quais executam o trabalho psicológico” (HALL, p.50). Nesse cenário, a consciência nada mais é do que o campo diferenciado que alcançou tal posição através da energia investida ali. Por fim, o segundo ponto, é que a existência da consciência só é possível porque existem conteúdos que não foram “energizados” e se mantêm no inconsciente. A relação entre os dois campos, é, portanto, codependente, pois um só pode existir a partir da condição da existência do outro.

O princípio de compensação demonstra ainda como essa relação não é estática, pelo contrário, os conteúdos estão sob constante circulação e os campos se misturam mais do que se imagina. Qualquer condição unilateral de um campo suprimindo o outro, revestida no problema dos tipos na total negação e possibilidade de manifestação do tipo oposto ao seu predominante, representa uma condição adoecedora, fruto de muito desconforto, e em casos extremos,

resultando em uma condição patológica (JUNG, 1921/2013). Por isso a relação entre os dois tipos ocorre de maneira problemática, pois ao mesmo tempo que o extravertido possui aversão ao introvertido e o introvertido ao extravertido, ambos não conseguem eliminar por inteiro a interferência e a existência do outro em sua atividade psicológica. Um representa o completo oposto do outro, algo que deve ser evitado e até mesmo ridicularizado no plano consciente de cada um.

Dessa forma, o que se observa é como tanto a consciência, quanto o inconsciente, são igualmente importantes no funcionamento da psique. Ignorar um dos lados é pender para uma condição de unilateralidade doentia, que prejudicaria tanto a saúde psíquica do indivíduo, como também impactaria nas relações sociais desenvolvidas com os demais, pois nessa condição, todos aqueles que são predominantemente do tipo oposto seriam motivos de repúdio e propensos a ser evitados. O incentivo que Jung (1921/2013) faz para a busca do autoconhecimento é tanto para que seja possível entender-se melhor, de maneira a estar ciente da existência desses processos inconscientes que fazem parte da atividade psíquica e interferem constantemente, quanto uma maneira de observar atitudes externas sob um outro olhar.

Por isso podem surgir certas dificuldades de compreensão e assimilação quando se é colocado diante de atitudes típicas do seu tipo oposto, pois elas não correspondem a sua psicologia individual predominante consciente. Jung (1921/2013) explica que até mesmo arguições históricas podem ser compreendidas de outra forma ao se observar o tipo predominante daqueles envolvidos nela. Em muitos desses casos, os personagens envolvidos são pessoas de tipos opostos que, devido a isto, não compreendiam a realidade da maneira que foi exposta pelo outro.

Nise da Silveira (1968) discorre sobre ao exemplificar com o caso de Freud e Adler, também mencionado por Jung (1921/2013) em sua obra Tipos psicológicos. Freud valorizava o objeto em primazia, acreditando que o homem é um ser de pulsões que deseja objetos que são fontes de prazer para si. No entanto, para Adler, o homem primeiramente buscará segurança pessoal e assegurará sua vontade de poder. O foco principal deixa de ser o objeto para ser o indivíduo. Dessa forma, Freud representa o estereótipo do tipo extravertido e Adler, a do introvertido. Ambas as teorias são válidas e o potencial de ambas é ampliado ao observa-las em conjunto, como complementares, invés de antagônicas entre si.

Dentro dessa relação complementar que existe na atuação dos tipos é possível observar de que maneira o campo do inconsciente está intrínseco ao problema, atuando em uma relação

dinâmica e frequente com o campo da consciência. Sua presença constante é o que torna tão difícil a especificação sobre qual o tipo predominante de alguém, mesmo que em ambiente analítico, visto que os comportamentos tanto podem ser de origem consciente quanto inconscientes (JUNG, 1921/2013). Realizar essa distinção demonstrou ser um grande desafio. Se a diferenciação entre consciência e inconsciente é realizada na teoria, porém na prática os campos se misturam, de que maneira é possível estabelecer o que caracteriza um ou o outro? O caminho pela análise terapêutica e a busca pelo autoconhecimento dos próprios processos psicológicos são alguns dos possíveis caminhos para tentar delimitar quais são os processos mais predominantes referente ao seu tipo.

No que concerne à atividade psicológica, Jung aborda o conceito de ‘fantasia’ para demarcar a atividade criativa, fruto do inconsciente, capaz de conciliar os opostos. É através dela que o externo e o interno se misturam e tornam-se uma unidade, capaz de conciliar a relação entre sujeito e objeto. Dessa maneira, a fantasia, como atividade conciliatória, é representada no introvertido como o mecanismo de extravertimento reprimido, e no extravertido, o seu lado introvertido reprimido.

Marie-Louise von Franz (1990) desenvolve essa ideia de Jung ao afirmar que

Na atitude extrovertida, a libido consciente flui normalmente na direção do objeto, mas há uma reação contrária, secreta inconsciente voltada para o sujeito. No caso da atitude introvertida ocorre o oposto; a pessoa tem a impressão de que um objeto opressor quer constantemente afetá-la, objeto do qual ela deve afastar-se de maneira contínua. Tudo se abate sobre a pessoa, que é constantemente oprimida por impressões, embora não percebe que secretamente está tomando energia psíquica do objeto e passando-a a ele através da sua extroversão inconsciente. (p.11)

Dentre as quatro funções básicas da consciência, sempre irá existir uma função inferior, caracterizada como aquela que está mais distante da consciência, em oposição a função superior (mais diferenciada), como foi dito anteriormente. Devido a sua aproximação com o campo do inconsciente, ela simboliza uma parte desprezada, ridícula e inadequada sob o ponto de vista consciente, muitas vezes até desconhecida pela pessoa, que faz de tudo para ignorar sua existência (VON FRANZ; HILLMAN, 1990). Sua possibilidade de chegar ao nível da consciência, porém, não é nula, e quando tal ato acontece, ela pode carregar consigo conteúdos de natureza arquetípicas, as chamadas imagens primordiais, que fazem parte do inconsciente coletivo. Quanto mais a unilateralidade for fortalecida, mais a função inferior adere um caráter primitivo e problemático, tanto para si mesmo quanto para os outros, originando fantasias infantis e perturbações na personalidade (SHARP, 1987/2002). A existência dessa quarta

função é uma outra forma de observar de que diversas maneiras os conteúdos do inconsciente atuam na tipologia e na configuração psíquica e como pode ser caracterizado.

Diante da apresentação feita sobre o funcionamento psíquico debatido por Jung, outra questão fundamental se apresenta ao problema dos tipos. Ela diz respeito a origem do problema, do que se trata essa disposição inicial que todos temos que tende para a predominância de um tipo ou de outro. Como ela surgiu e qual a sua finalidade? Von Franz (1990) afirma que a tendência para a um dos tipos ocorre logo na infância e o que determina a disposição inicial não ainda não possui uma resposta correta. O que se pode falar é que aparenta inicialmente ser um comportamento natural, instintivo da natureza humana e, portanto, inconsciente.

Entretanto, Jung (1921/2013) não nega a influência biológica sobre o processo de tipificação. De acordo com ele, a relação entre sujeito e objeto é histórica e demarcada por um processo de adaptação de um sobre o outro. As duas atitudes psicológicas são fruto de duas diferentes formas de adaptação, opostas entre si, mas que perduram até hoje. A extravertida, que busca uma intromissão total no social para assim manifestar-se, e pouco se preocupa com a construção de mecanismo de defesa internos, e a introvertida, que investe o mínimo no externo, mas constrói barreiras e fortalece a si mesmo utilizando para isso mecanismos de defesa (JUNG, 1921/2013).

Tais comportamentos são observados em animais na natureza. Existem aqueles que buscam se proliferar, em detrimento da construção de defesas pessoais, como os piolhos, coelhos e etc, assim como existem os que privilegiam a defesa ao ambiente externo, como o elefante, porco-espinho, etc (VON FRANZ; HILLMAN, 1990). Von Franz (1990) explica como o padrão de comportamento, mesmo o dos animais, é resultado de uma interação mútua entre fatores externos (pressão social e condições externas) e fatores internos (disposição inata para um comportamento). Apesar de não ser possível estabelecer uma correlação total entre os comportamentos e funcionamento da psique dos animais com o do ser humano, visto que são campos demasiadamente diferentes, a possibilidade de observar o problema sob essa outra perspectiva é uma forma de lançar uma luz sobre a questão, visto que agora nada sabemos o que possibilita a orientação psicológica para um determinado tipo durante a infância.

4 CONCLUSÃO

No plano teórico, a conciliação entre os tipos opostos parece rápida e de fácil execução. Na prática, no entanto, são raros os casos reais de pessoas que encontraram o equilíbrio entre os opostos e de como alcançar tal condição. As forças conscientes e inconscientes muitas vezes se tornam tão resistentes entre si que o acesso de uma para a outra é impossibilitado, não importando o número de tentativas. Em todo caso, a atividade psicológica continuará a ser estudada e aprofundada, assim como o problema dos tipos, pois ambos são fenômenos atemporais e de difícil esgotamento, que permaneceram como foco de estudo por muitos anos na obra de Jung.

Apesar de ser quase utópico o alcance do equilíbrio psíquico, a investigação do fenômeno e a tomada de consciência sobre os processos inconsciente que circundam e atuam na psique já são caminhos fundamentais para o autoconhecimento e para a produção de conhecimentos sobre a estrutura psíquica. O homem em geral, com o seu conhecimento científico, tem aversão por seu estudo e aprofundamento de sua própria natureza psíquica, fato que o próprio Jung (1960/2000) observava, e por isso era notório um avanço e aprimoramento nos estudos dos aspectos externos, como em ciências biológicas e da natureza, em uma maior escala quando comparado aos estudos dos aspectos internos (psíquicos), que apesar de seus avanços, ainda é menos valorizada do que esses outros campos. Apontar para a existência desses mecanismos, questionar suas características e a maneira que atuam continua sendo uma necessidade iminente no campo da psicologia e do social.

É oportuno afirmar que a tipologia de Jung visava oferecer subsídios não somente para melhorar a compreensão da estrutura e funcionamento da psique humana, como também para observar sob outra perspectiva algumas arguições históricas, cuja justificativa está nas diferentes formas de percepção de si mesmo e do mundo entre as pessoas envolvidas. Estar atento para a diferenciação psicológica entre os sujeitos é também uma forma de compreender desavenças, sejam elas históricas, no campo teórico, ou até mesmo no dia-a-dia, entre os indivíduos nos quais nos relacionamos ou que deixamos de nos relacionar.

O enfoque no campo do inconsciente realizado aqui nesta pesquisa foi uma maneira de fornecer outros olhares sobre o problema dos tipos psicológicos, para além da realização de testes psicométricos que se propõe erroneamente a delimitar qual o tipo predominante de cada um, muitas vezes visando alcançar maior produtividade na contratação de funcionários no

ambiente organizacional. Propôs-se aqui observar o problema dos tipos sob a instância psicológica, delimitando quais as contribuições que ele traz para o conhecimento do funcionamento psíquico e de que maneira pode ser aprofundado e pesquisado no ambiente acadêmico, para além de fins capitalista e de mercado. O foco no campo do inconsciente possibilitou observar como ele está presente no funcionamento psíquico, sua relação constante e dinâmica com a consciência no cenário dos tipos psicológicos, além de ser uma das peças-chaves para a busca do autoconhecimento.

Nesse cenário, é importante reconhecer o alcance parcial da pesquisa, visto que o próprio conceito do campo inconsciente carrega em si a impossibilidade de expor e debater toda a sua extensão e formas de atuação por completo. O desconhecimento que o campo do inconsciente ainda carrega em si demonstra a necessidade contínua de exploração desse campo, visto que se trata de uma das partes mais fundamentais do funcionamento psíquico humano.

REFERÊNCIAS

- BENAZZI, Mariana Coneglian; BONFATTI, Paulo Ferreira. Considerações acerca do uso da tipologia junguiana nas organizações e o processo de individuação. **CES REVISTA**, v. 28, n. 1, jan./dez. 2014.
- HALL, Calvin S.; NORDBY, Vernon J. **Introdução à Psicologia Junguiana**. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.
- HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, María Elena; CHIAPAS, José María de la Roca; BARRAGÁN, Luis Felipe García. Measurement of the Jungian psychological types in Mexican university students. **Acta de Investigación Psicológica**, v. 7, n. 1, p. 2635-2643, 2017.
- JUNG, Carl Gustav. (1912). **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- JUNG, Carl Gustav. (1921). **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- JUNG, Carl Gustav. (1960). **A natureza da psique**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Reagina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Rev. Katálysis*, v. 10, n.spe
- MAMEDE, Aline Zocante; VALENTE, Andre Gugelmin; SERBENA, Carlos Augusto. A tipologia de Jung e a atitude religiosa moderna. **Último Andar**, n. 30, p. 314-331, 2017.
- RAMOS, Luís Marcelo Alves. Os tipos psicológicos na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e o inventário de personalidade “Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)”: contribuições para a psicologia educacional, organizacional e clínica. *EDT – Educação Temática Digital*, v. 6, n. 2, p. 137-180, 2005.
- SHARP, Daryl. (1987). **Tipos Psicológicos Junguianos**. Santiago: Editorail Cuatro Vientos, 2002.
- SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- VON FRANZ, Marie-Louise; HILLMAN, James. **A Tipologia de Jung**. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.